

AINDA MAIS ESPETACULAR foi a descoberta da historiadora norte-americana Louise Brand Philip: um retrato da mãe de Dürer, pintado pelo artista antes de sua partida, em 1490. Durante meio século ele ficara entre os retratos anônimos de antigos autores alemães no Museu Nacional Germânico, em Nuremberg, sem que sua autoria fosse descoberta.

COMO OFICIAL-APRENDIZ itinerante, Dürer trabalharia na região do alto Reno, em Basileia e Estrasburgo. Há cem anos atrás pôde ser identificada e comprovada como obra de sua autoria uma xilogravura representando São Jerônimo, datada de 1492, em Basileia. Editores e autores desta cidade reconheceram o extraordinário talento do jovem de Nuremberg, que passou a receber pedidos de ilustrações para *O cavaleiro da torre* e *A nave dos loucos*, de Sebastian Brandt, além de uma edição das comédias do poeta clássico Terêncio.

EM 1494 O PAI CHAMOU Dürer de volta a Nuremberg. A família havia escolhido uma noiva para o artista. A jovem Agnes Frey foi desposada sem resistência.

EM NUREMBERG não havia corporações e o ofício de pintor era uma arte liberal, porém Dürer levou vários anos para estabelecer-se como pintor em sua cidade natal. A oficina de seu mestre Michael Wolgemut dominava um mercado crescente. Não é de admirar, portanto, que Dürer, nos primeiros anos de sua atividade independente em Nuremberg, passasse a se dedicar à xilogravura, que lhe trouxera tanto sucesso nos seus tempos de aprendiz em Basileia. Sua formação inicial em ourivesaria dava-lhe total liberdade técnica com a gravura em metal. Pode-se considerar a sua primeira obra importante, nesta técnica, a *Virgem com o gafanhoto*. Já em 1496 Dürer não tinha nenhum concorrente em Nuremberg e o reconhecimento não tardou. Assim se compreende a grande quantidade de solicitações de retratos. Entre as obras deste período, há um pequeno quadro de São Cristóvão, pintado para um cliente desconhecido. Outrora abrigado numa galeria em Dassau, encontra-se perdido desde a Segunda Guerra Mundial.

UM DOS MECENAS realmente importantes e influentes de Dürer foi o eleitor Frederico, "o Sábio da Saxônia", que esteve em 1496 em Nuremberg, quando foi retratado pelo pintor. É desse período o projeto ambicioso, de Koberger, de criar duas séries de xilogravuras no mesmo formato, *in folio*, da *Crônica universal*, de Schedel. A primeira série, intitulada *Apocalipsis cum figuris* (Apocalipse em quadros), acabou sendo um sucesso para o artista em 1498. Todas as imagens exibem, na parte inferior, o monograma AD, em grande formato. Com esta série o artista atingiu o pico da sua fama mundial.

AS XILOGRAVURAS de "A grande Paixão", iniciadas na mesma época, somente foram concluídas anos mais tarde. Os especialistas em História da Arte postulam a existência de uma "oficina Dürer", que teria produzido as xilogravuras que ilustraram os livros escritos e publicados em Nuremberg, por volta de 1500, por um círculo ligado ao humanista Konrad Celtis. No entanto, não há nenhuma prova material de que Dürer tenha mantido uma oficina própria, nesta data. Pode-se falar de uma "oficina Dürer" em 1503, quando o talentosíssimo Hans-Baldung Grien de Schwäbisch-Gmünd e outro sábio, Hans Schauflein, apareceram em Nuremberg com obras produzidas na condição de colaboradores do artista. Dürer dava relativa liberdade aos seus oficiais e aprendizes, o que lhe atesta ter sido um bom mestre e empregador. Quando Baldung e Schauflein saíram de Nuremberg para trabalhar como pintores autônomos, em 1507, Hans von Kulmbach ingressou como oficial de pintor na oficina do mestre. Contrariamente aos dois oficiais anteriores, este não produziu xilogravuras.

NOS PRIMÓRDIOS da Idade Moderna, o artesanato de Nuremberg se caracterizava por um elevado grau de especialização e divisão do trabalho. As coisas não devem ter sido diferentes na "oficina Dürer". Diante desse costume dos artesãos de Nuremberg, pergunta-se se o próprio Dürer gravou determinadas xilogravuras como as da série "Apocalipse". Esta questão deve ser respondida negativamente. Conhecemos nominalmente vários "gravadores em madeira", ou "gravadores de formas" (*Formschneider*), que trabalhavam para o artista. Dürer, em seu diário, fala a respeito de "obras ruins em madeira". Ele se referia a xilogravuras, freqüentemente imagens de santos, que não exibem seu monograma. Podemos supor, com maior índice de probabilidade, a colaboração de oficiais da sua "oficina" em tais mercadorias de qualidade inferior. A obra em madeira intitulada *Pórtico em homenagem ao imperador Maximiliano I* foi toda produzida em regime de divisão de trabalho, sob a coordenação de Dürer.

RESUMINDO, PODE-SE constatar que a obra gráfica foi variável na produção global de Dürer. A sua função mudava em cada período da biografia do artista. Durante o período de aprendizado na oficina de Michael Wolgemut, em Nuremberg, e durante os anos de oficial na região do alto Reno, a ocupação com a xilogravura foi sua atividade principal.